

Miguel de Aragão Soares

A villa romana de Vilamoura
Uma visita



A villa romana de Vilamoura
Uma visita

Coimbra • 2017

Título: *A villa romana de Vilamoura. Uma visita*
Autor: Miguel de Aragão Soares
Capa: composição s/pormenor de mosaico do tricínio
da *domus* do Cerro da Vila
Folha de rosto: busto de Augusto
(Museo Nazionale Romano di Palazzo Massimo)
Direitos reservados por Terra Ocre, Lda.
Edição: Palimage
Apartado 10032
3031-601 Coimbra
palimage@palimage.pt
www.palimage.pt
Data da edição impressa: Maio de 2016
ISBN: 978-989-703-144-1
Depósito Legal n.º 405900/16
Impressão: Artipol – Artes Tipográficas, Lda.
Data da edição digital: Junho de 2017
ISBN: 978-989-703-174-8



Miguel de Aragão Soares



A villa romana de Vilamoura
Uma visita

– 2.^a edição –
revista e ampliada

A pensar nos meus filhos Francisco, Carlota e António

Com um abraço ao Pedro Turras, amigo desde os bancos do *Kindergarten* e de todos os Verões algarvios, e ao Helder Correia, historiador e amigo de muitas futeboladas em Portimão

Festina lente (lema de Augusto)

Mas a História não se constrói só com vestígios: também se escreve com aquilo que de verosímil se conjectura.

Jorge de Alarcão, *Conímbriga/O chão escutado*

Prefácio à segunda edição

Ao contrário do que as vozes do mundo apregoam, o livro tradicional não irá desaparecer em favor de uma qualquer forma de suporte electrónico. Não há nada que supere o prazer de tactear, no recosto de um sofá ou no ar-livre vivificante de uma esplanada, a textura das páginas, ouvindo o estalido sincopado das folhas dedilhadas. O livro, tal como o conhecemos desde que os fólhos medievais substituíram as tábuas e os rolos de papiro romanos, mesmo se hoje menos pesado (embora pressupostamente mais iluminado), poderá quando muito tornar-se num produto raro, mas por isso apetecível, pelo que não cessará de continuar a prestar relevantes serviços à humanidade. Assim, podia ter deixado o meu ensaio sobre a *villa* romana de Vilamoura, publicado há um ano em suporte clássico "papel", no sossego aconchegado das prateleiras. Todavia, tendo presente que segundo alguma filosofia a História não pára, e que se acelerou um tanto nos últimos anos, convenceram-me a transformá-lo num *e-book*, não apenas para não perder o avião da modernidade, como sobretudo porque uma tal metamorfose me permitiu corrigir algumas pequenas incorrecções e esclarecer umas quantas dúvidas relativamente à primeira edição.

Bruxelas, Páscoa de 2017.

Explicação prévia

O pequeno texto que dou agora à estampa constituía, na sua forma inicial, um capítulo de um trabalho de maior fôlego em que me propunha dar a conhecer alguns traços mais marcantes da História de Vilamoura. Quando já me encontrava em velocidade de cruzeiro, a cavalgar pela época islâmica, uma visita estival à *villa* do Cerro da Vila teve a arte de me fazer voltar atrás e de me levar a aprofundar a investigação do período romano, que tantas surpresas me viria a reservar. A partir daí, passei a iniciar as minhas sempre laudatórias visitas (materiais ou virtuais) às livrarias pela secção da Antiguidade Clássica e não houve obra ou opúsculo sobre Roma, em particular sobre a sua recôndita província da Lusitânia, que não despertasse de imediato a minha obsessiva atenção. O capítulo foi assim espreado-se e, quando me apercebi que o estava a redigir no ano em que se comemoravam os cinquenta Verões da estância de vilegiatura onde passo o melhor mês do calendário, como igualmente as duas mil velas do desaparecimento do imperador a quem se deveu a construção da sua primeira moradia, achei por bem conceder-lhe uma mais que justificada autonomia. Duas efemérides dessa ordem de grandeza não podiam deixar de requerer uma exclusiva atenção, tendo a curiosidade aumentado quando, encontrando-me a contemplar o busto escultórico de Augusto no museu de Conímbriga e querendo confirmar que era mesmo dele, já que a expressão grave e pesada pouco condizia com a das estátuas vibrantes de energia juvenil ou impregnadas de serena melancolia que o deram a conhecer ao mundo, recebi de chofre como resposta uma interjeição não muito abonatória sobre o personagem. O que levava uma simpática funcionária do principal sítio arqueológico romano de Portugal a nutrir uma tão espontânea animosidade pelo fundador de um império que tão lídimos e dilatados legados deixara à civilização? Desejo que o texto que se segue possa ajudar a perceber e a matizar um tanto o epíteto ouvido no museu, visto que afinal visou uma das figuras maiores da História da Humanidade. Espero, sobretudo, que permita explicar o contexto histórico da *villa* de Vilamoura e a sua inestimável importância para a compreensão dos vários séculos de

presença romana no Algarve e na Lusitânia, como igualmente para o entendimento da génese do Reguengo e Morgado de Quarteira, subsequentemente transformado em quinta até à sua aquisição por Cupertino de Miranda, nos anos sessenta do século passado: como dizia o Príncipe de Lampedusa, tudo muda para que tudo fique na mesma (mesmo na História). Devo, contudo, advertir o leitor que a composição não segue os preceitos arquitectónicos de Vitruvius, ou das fachadas simétricas dos arcos-do-triunfo, basílicas ou templos dos fóruns, visto que a sua unidade foi construída mais à maneira árabe, por sucessivos acrescentos e díspares materiais (histórico-literários), à medida que fui aprofundando a análise, prescindindo, por conseguinte, do uso do compasso e do esquadro. Porém, sempre se poderão distinguir dois escopos principais: um deles mais atento às características e à evolução da *villa* e o outro mais voltado para o seu enquadramento nas vicissitudes do mundo romano, sendo ambos servidos por uma muito lírica introdução.

Antes do *kick-off*, faço questão de deixar alguns agradecimentos:

Desde logo, à Senhora Dra. Luísa Guerreiro Martins, que, enquanto Directora do Arquivo Histórico de Loulé, teve sempre a amabilidade de me facultar a documentação e os esclarecimentos que solicitei no âmbito das minhas pesquisas, bem como à Senhora Dra. Isabel Luzia, que me transmitiu informações do maior interesse sobre a investigação arqueológica do sítio romano de Loulé Velho. Nesta mesma sede, lembro uma épica expedição estival ao sítio, na companhia do meu cunhado Nuno Saldanha, e a jubilatória descoberta de alguns vestígios da antiga *villa* incrustados na falésia cor-de-laranja luzindo ao sol (seriam de uma cetária?). Não posso também deixar de assinalar a paciente atenção prestada pelo Luís Moreira às andanças do *garum* algarvio, durante tantos domingos (quantas vezes cinzentos) de amiga cavaqueira em Bruxelas. Igualmente, uma palavra de grande amizade para o Joaquim e a Elvira Rosado, cujo abandono da Bélgica muita saudade me causou e que, apesar de terem passado a repartir o seu tempo entre Cascais e Bergamo, continuaram a interessar-se pelas minhas modestas investigações, tendo-me facultado interessantíssima bibliografia sobre o tema de Roma. Uma nota também de muito apreço para o José Manuel Servert, colega e vizinho de escritório eurocrático, que teve a generosidade de ler o meu *tratado* sobre os mouros ibero-

-magrebinos e a simpatia de me trazer lembranças de Niebla (sede do último emirado do Algarve) e de Baelo Claudia, como também dos Camiños de Santiago: *muchas gracias* amigo. Sensibilizou-me, particularmente, tendo presente as circunstâncias em que ocorreu, a oferta do guia do centro arqueológico da Rua dos Correeiros em Lisboa pelo Pedro Turras, através da sua filha e minha afilhada Rita. Por fim, uma menção muito especial para a Zita, testemunha permanente destas exaltantes aventuras históricas, e para a nossa filha Maria Carlota, estudante de História e temperamento de artista, pelas bonitas ilustrações cartográficas.

Num outro plano, gostaria igualmente de expressar o meu reconhecimento a todos os autores cujos textos e ensinamentos tornaram possíveis as ilações a que cheguei, permitindo-me destacar Carlos Fabião, Felix Teichner, Luís Fraga da Silva, João Pedro Bernardes e, entre os não historiadores e arqueólogos, John Williams, cujo prodigioso romance sobre Augusto me desvendou a alma dos personagens principais do período da História de Roma que forjou a *villa* de Vilamoura.

Introdução



Busto de Augusto
(Conímbriga, o Chão escutado/Museu de Conímbriga)

Uma *villa* na Lusitânia

Marco, Marco Agripa, meu amigo, ouves-me?
O sol pleno, impante, o sol vibrante
dos dias em que os presságios arrebatavam,
recordas-te?
Estou a vê-lo mergulhar em chama, agora,
numa esfera de fogo no oceano.
Abandona o lugar onde fomos livres
e temo que a negrura da noite o prenda.
Apolónia, lembras-te? O calor das pedras descalças
impregnava a esperança lida no sorriso dos deuses.
Cavalgávamos pelos prados com a ligeireza
dos gamos, levados pelo vento, virgens de receios.
Era a luz que nos guiava, e no apelo do mar
as musas galgavam ondas esculpidas por Apolo,
num azul infindo, nosso, iluminando todas as auroras.
Líamos os filósofos no sossego das sombras,
pela rama, sem interrogações,
saboreávamos os frutos trazidos pelos poetas,
e escrevíamos versos tão risíveis!

acompanhados pelo sarcasmo de Mecenas,
já por essa altura tão descrente dos sábios,
ignorando que viríamos a conviver
em verdade, num mesmo vaso,
com as odes ao vinho de Horácio e a sublime Eneida.
A rotina dos dias percorria a novidade,
vivíamos na eternidade.
E depois, subitamente, chegou a notícia,
trazida a galope, envolta em poeira.
Marco, meu amigo, questionei o Divino César,
a sua confiança,
com quem me iniciara na guerra da Hispânia
e que me fizera seu filho!
Num ápice, a energia apolínea deu lugar
às trevas duma floresta gélida da Germânia.
Sem a tua bravura, a tua nobreza,
lavradas com a pureza do mármore branco
da *Ara Pacis*,
teria recusado a excelsa herança
e Júpiter não teria sido honrado.
Os assassinos teriam permanecido impunes,
em Filipos, Messina e Áccio,
de onde Marco António fugiu
levado pela viperina amante
e onde os costados das tuas galeras
me ofereceram os louros,
proclamaram-me Augusto,
imperador e rei do Egípto.
Todavia, as aves emudeceram em terra
e a súplica dos mortos não mais me abandonou.
Quantas penas para vencê-la,
quantas preces e oferendas,
quanta solidão.
Compreendi então o preço da memória
e que as tristezas não se agarram
como lapas às rochas, mas como abutres às presas.
Procurei esquecer as agruras, organizar o caos do mundo,
os seus labirintos, que ilusão!

Mas o mundo tornou-se por nossa vontade,
de facto, mais do que nunca romano.
Começámos por erguer templos,
queríamos manter a chama
que nos oferecera o império acesa
na casta casa das Vestais,
embora, Marco, bem sei bem sei,
diferentemente de mim, timorato crente,
moralista impenitente,
confiaste mais na tua aura
que na caprichosa clemência dos céus.
Confiaste também com constância
na Água,
deusa da volúpia translúcida,
que dessedenta, refresca, lava, cura.
O seu melhor altar, amigo, foram as termas
que abriste no coração do Campo de Marte
à alegria ridente de todos os romanos,
patrícios, plebeus ou humildes escravos,
junto ao Panteão dos divinos heróis,
porque a água é também o Mar de Neptuno
que deu à luz Afrodite e Vénus
e deu-nos a nós a Vitória.
Com o engenho do bom Vitrúvio
começámos a transformar Roma,
a dar-lhe ares de antiga Atenas,
levámos aquedutos, anfiteatros e pontes,
levámos a romanidade a toda a parte,
tentando iludir os agoiros da sorte.
Preciosos anos em que ocupávamos os dias,
tão curtos, preenchidos e longos,
como faunos vagueando pelos montes,
sonhando linhas e geometrias claras
para as urbes que conquistáramos,
delineando-lhes estratégias e destinos.
Ouvíamos ao luar o harpejar das musas,
deliciando-nos com os mais doces manjares,
rindo-nos com Horácio dos cultores do *garum*

ou dos asnos que se ufanam no senado,
e dormindo no sossego duma quimérica paz.
Mas Marco, que estou aqui a contar?
Só a tua bondade me poderá perdoar
tanto engano, ilusão e mentira.
Decorámos os peristilos com estátuas gregas,
pisámos tesselas de finos mosaicos
em hortos de perfumados aromas,
cobriram-me com a púrpura dos pontífices,
elevaram-me mesmo aos altares,
desse rol de feitos, dessas *res gestae*,
diz-me o que vai restar?
As ciladas sempre espreitaram,
as guerras da Gália e do Reno continuaram,
nunca cessaram os enredos da intriga,
que fui resolvendo numa *pressa lenta*,
o lema que me serviu de estrela,
também com alguma fortuna,
mas com que ânimo?
Num constante tormento,
como o que vivi com Júlia.
Ofereci-ta querendo perpetuar o império,
dar-lhe a coragem das legiões,
que sob a tua voz
honraram o Capitólio e elevaram Roma à glória.
Quis o destino que os varões,
os netos que me legaste,
tivessem quase imberbes sucumbido,
apesar dos bons augúrios do berço
da doce *Villa della Farnesina*,
onde os invernos esmoreciam,
e o rumorejo das folhagens
e das correntes do Tibre
amenizava os estios,
onde me dissestes teres vivido o Éden,
os dardos eram lançados por Cupido,
o tremor das batalhas esquecido.
Júlia perdeu-se com o canto de Ovídio,

mais dado aos eflúvios de Baco
que às sóbrias máximas de Zenão,
e porque depois da tua morte
a entreguei a Tibério,
ao seu rancor tortuoso
que nem o sol de Rodes quebrou.
Não te enganes, ouço-te clamar,
a sua sina foi por ti traçada
quando a encerraste em Pandatária
por culpas que também são tuas.
Marco, Marco, porque me recriminas?
A alma, os seus desígnios, quem os descortina?
Mesmo ao longo do dia as suas vestes cambiam.
Serviu-me Lívia nos seus dédalos,
percorridos juntos há já tantos anos,
conduzidos pelos sábios conselhos de Minerva,
o vigor de Juno nos dias mais tristes,
as orações a Ceres nos jardins de *Prima Porta*,
onde as sestas escutavam gratas o gorjeio dos pássaros,
num idílio que desvanecia todas as escórias
urdidas pelas insídias que servem a História.
E assim, iludindo o túbio carpir do *carpe diem*,
escondendo as lágrimas numa couraça,
procurando não olhar para o passado,
percorri as áleas do tempo,
embora o lamento de Orfeu cingindo Eurídice
jamais me tenha deixado.
Marco, Marco Agripa, bem sabes
que os hortos mais frágeis definham
sem utopia.
E, por isso, sempre me animou
a busca de uma *villa* distante, secreta,
nalgum *limes* do império,
como na tímida e escondida Lusitânia.
Preciosa terra, essa, dizias-me,
onde fundaste Emérita,
abrigo dos veteranos,
e que em boa hora fiz minha.

Cerca-a o fragor do oceano,
para lá das colunas que Hércules ergueu
às portas do Mediterrâneo.
As correntes quebram-se agitadas
no Promontório Sacro
e os dias tombam
em abismos de escarpas agrestes,
enchendo, porém, de luz, antes de caírem,
a languidez dos Verões,
tão fronteiros à Mauritânia.
O mar de esmeralda, rutilante,
espraia-se por areais risonhos
e pelas lagunas que banham Ossónoba.
Aflora falésias rosadas,
debruadas por vinhedos vibrantes
e por pinhais mansos,
onde as amazonas se abrigam
pelas horas em que o calor se alonga,
aplacando a avidez de Cronos.
Todavia, porque sempre olhaste de frente
e porque me divinizaram,
perguntavas, sorrindo,
se os deuses sonhavam!
Marco, meu amigo,
será preciso dizer-te?
O meu nome, em verdade, no fundo,
é Caio Octávio,
como sempre me chamaste,
e sem sonho o homem perde-se no mundo.
.../...
Augusto, César, podemos largar as amarras?
Sim, apaguem as lucernas e levem-me
sem mais delongas,
sempre cultivei as palavras simples e claras.
Os remos fendem numa cadência lenta
as vagas da noite,
embalando num estertor o brilho das estrelas
e o sorriso mudo do imperador

– ignora que as pedras dos seus foros
havam começado a renascer,
transfiguradas
com o sopro de uma nova esperança,
e que, após séculos de erosão,
e de contorções barrocas,
ressurgirão nuas de adornos
por obra de estetas e de poetas
para júbilo dos modernos peregrinos
(que julgam sair da redoma,
vencer os anos e o tédio,
captando imagens efémeras
da beleza eterna de Roma).

I

Li algures que o actual logotipo de Vilamoura procura ilustrar um mosaico romano. Pretende, conforme presumo, dar ao empreendimento o lustre e indicar que nele existem vestígios da civilização da Antiguidade Clássica. Quer-me, porém, parecer que num local a que se deu o nome de Vilamoura, para mais situado numa região que se chama Al-Garbe, esquecer as origens árabes, enaltecer outras conotações, causa no



Cerro da Vila (entrada)

mínimo estranheza, embora os testemunhos romanos da zona, em particular os da *villa* do Cerro da Vila, assumam extraordinário interesse. Por outro lado, se a ideia era realçar a antiguidade dos indícios civilizacionais, então, o *logo* deveria ter-se inspirado em épocas bem mais remotas, já que se encontra referenciada na antiga Vinha do Casão, entre a Avenida Vilamoura XXI e a Avenida do Parque, em frente da Volta da Vinha (como não podia deixar de ser), uma necrópole de onze sepulturas proveniente da propecta idade do bronze, não se podendo igualmente esquecer um pequeno seixo oriundo do Monte da Vinha

(ainda e sempre) ainda mais antigo, já que atribuído ao período neolítico, possivelmente esquecido por algum caçador originário da aldeia da mesma época descoberta há poucos anos na Praia do Forte Novo, a seguir a Quarteira, cujos vestígios se encontram presentemente submersos, mesmo pela maré vazia¹. No entanto, para além da antiguidade, outros atributos merecem ser lembrados.

Durante quase toda a sua História, pelo menos até à divulgação do transporte aéreo e à construção do aeroporto de Faro, ocorrida em Julho de 1965, o Algarve encontrou-se, mesmo nos períodos de maior fausto, numa situação periférica relativamente ao Reino de Portugal e, por maioria de razão, ao mundo, embora o mundo tenha começado a ser explorado a partir do Algarve, o que não deixa de ser, como afinal acontece com tantas evidências, um tanto paradoxal. Chega-me com nitidez à memória a impressão que tive quando, no meu baptismo de voo, ainda miúdo, lá aterrei pela primeira vez, saído de Lisboa num *caravelle* da TAP, após um mês não muito feliz de férias escolares nas montanhas soturnas e lagos estagnados da Suíça, três anos depois da inauguração: os 30 minutos de fascínio mal tinham dado para apertar o cinto, beber o sumo de laranja (chá, café, laranjada) e desapertar o cinto, e tinham passado bem mais depressa que as 5 ou 6 horas de viagem de carro pelos enjoes das curvas do Caldeirão, quando se ia para Quarteira, ou do Espinhaço-de-Cão, quando se ia para Lagos e Portimão, as 7 ou 8 horas de comboio com direito a travessia do Tejo,

¹ A informação sobre as sepulturas da idade do bronze foi obtida numa visita ao museu e em dois pequenos textos explicativos da estação arqueológica do Cerro da Vila: um intitulado *Guia da Exposição*, cuja ficha técnica é encabeçada por José Luís de Matos, e um pequeno prospecto do museu, ambos sem data. A descrição dos diversos elementos arquitectónicos e funcionais da *villa* serviu-se das mesmas fontes, a par dos estudos mais desenvolvidos citados ao longo do texto (relativamente aos mosaicos, fundamentalmente os estudos de Cristina Oliveira). O prospecto assume ainda a curiosidade de reconstituir em desenhos a cores a configuração da *domus* e da respectiva área portuária tal como se apresentaria durante o período romano. Quanto ao sítio neolítico do Forte Novo, o artigo de Leonor Rocha e Pedro Barros, *Escavações de Emergência no Povoado da Praia do Forte Novo em Quarteira* (Al-Ulya, n.º 7), revela que a intervenção identificou uma grande abundância de cerâmicas, bem como uma ponta de seta e uma lasca de sílex, e coloca a hipótese de que se trataria de uma aldeia palafítica, possivelmente de muito maior dimensão do que a área intervencionada.

Fichas Explicativas



A sociedade de Roma Antiga

A sociedade romana caracterizou-se ao longo de toda a sua História por uma forte estratificação, assente em grande medida na origem e antiguidade das genealogias, sobretudo durante os cinco séculos de regime republicano. Com o império observou-se uma maior permeabilidade entre as classes, mas nem por isso as antigas *gens* deixaram de permanecer no topo da pirâmide social, não apenas pelo prestígio que as linhagens conferiam, mas principalmente por terem mantido o domínio da propriedade rural. De facto, a posse da terra constituiu desde o início o motor da economia, bem como o principal factor da ascensão aos patamares mais privilegiados da sociedade, mesmo após a expansão marítima e o incremento do comércio de longo curso observados a partir de Augusto, o que, num outro plano, explica a natureza conservadora da cultura romana. Para mais, embora a entrada no senado se tenha aberto, após uma longa maturação, à plebe da capital, ou seja, a todas as outras classes que beneficiavam da *cives romani* (a cidadania romana), o que excluía os *peregrine* (os estrangeiros) e os escravos, mas incluía os camponeses, os clientes (dependentes) e os *liberti* (os escravos libertos), e conquanto, após o império, as oligarquias das províncias, em particular os membros da ordem equestre (o nível secundário da nobreza), tenham começado a aceder-lhe desde que satisfizessem o censo patrimonial mínimo, a velha aristocracia beneficiou sempre de uma posição privilegiada na composição e funcionamento da assembleia suprema.

Essa hierarquização explica-se também, e talvez em primeiro lugar, pelo modelo de família, célula base e pedra angular da estrutura social, muito marcado pelos traços tribais da origem, o que era ilustrado, não apenas pela amplitude do agregado, visto que, segundo algumas opiniões, abrangia, para além dos membros ligados por vínculos de

sangue, os clientes e os próprios escravos, como sobretudo pelo poder de *rex* absoluto do *pater familias*. A título de exemplo, o *pater* beneficiava do direito de dispor da vida dos outros membros do universo familiar ou de os utilizar como garantia das dívidas patrimoniais, mediante, nomeadamente, a sua venda como cativos, prática que, embora mais comum durante a república, se manteve pelo período imperial. Com a evolução dos costumes, sobretudo após a divulgação do cristianismo, a dependência face ao arbítrio do chefe de família foi-se atenuando, mas nem por isso a cultura de clã deixou de continuar a moldar o tecido social, sobretudo o das elites.

Naturalmente, uma tal rigidez causou inúmeras tensões, desencadeadas, nomeadamente, pela posse do *ager publicus*, as terras ocupadas na sequência da expansão de Roma, desde logo na região do Lácio, a primeira a ser colonizada e a mais densamente habitada. Esse factor reflectiu-se numa outra causa de permanente fricção, tendo presente que a privação de terra e os ónus que sobre ela pesavam aumentavam o risco de endividamento e que, de acordo com o costume mais antigo, o devedor ficava à total mercê do credor, visto que este possuía um direito de vida ou morte ou de escravização sobre quem não lhe pagava. Com o tempo, as sanções evoluíram para formas menos extremas de dependência, tendo o direito de venda como escravo dado lugar ao sistema do *nexum*, que implicava a possibilidade de o devedor garantir o pagamento oferecendo-se como servo do credor, sem contudo perder os seus direitos cívicos, ao contrário do que sucedia no âmbito do regime da escravatura.

Os conflitos em torno da propriedade rural e motivados pelo endividamento, sobretudo dos camponeses, acompanharam todo o tempo da república e constituíram uma das explicações das guerras civis que a assolaram nos seus dois últimos séculos, a par dos confrontos de ordem mais directamente política. A principal causa destes últimos residiu no aumento do proletariado urbano concentrado em Roma, basicamente os pequenos artesãos, que haviam visto a sua capacidade de reivindicação aumentada após a instituição dos tribunos da plebe e a obtenção da igualdade de direitos com a oligarquia senatorial durante o século IV a.C. Apesar de durante o império se ter verificado um apaziguamento da tensão causada pela posse da terra, até porque com o aumento da extensão territorial passara a existir uma maior disponibilidade fundiária,

Tábua cronológica



– a.C. –

Monarquia

755/754 Fundação de Roma (Jürgen Sorges indica 753)

753-717 Reis latinos e sabinos

650-509 Reis etruscos

República

- 509 Início da República (expulsão dos reis etruscos e começo da eleição anual de dois magistrados (primeiro, pretores, e depois, cônsules)
- 508 Primeiro templo capitolino
- 471 Primeiros tribunos da plebe
- 450 Lei das doze tábuas
- 421 Primeiros questores
- 335 Fundação do porto de Óstia
- 328 Roma ocupa o Lácio e a Campânia
- 282 Roma ocupa a Itália (com exceção da Cisalpina e da Sicília)
- 275 Roma entra em contacto com a civilização da Grécia
- 264 Primeiros combates de gladiadores em Roma
- 264-241 Primeira guerra púnica
 - 242 Primeiro pretor *peregrine* (Jürgen Sorges indica 247)
 - 240 Primeira tragédia em latim
 - 227 A Sicília torna-se a primeira província romana (Bordet afirma que foi durante a primeira guerra púnica), logo seguida pela Córsega e Sardenha
- 220 Construção do primeiro circo (hipódromo) em Roma (*Circus Flaminius*) e construção da *Via Flaminia* que ligava Roma a Rimini (a parte urbana da via correspondia à actual *Via del Corso* no centro de Roma)

- 219-202 Segunda guerra púnica (Bordet aponta 218-201)
 - 215 Primeiras sociedades de publicanos
 - 205 Fundação de Itálica (a primeira colónia romana fora da Península Italiana)
 - 197 Instituição da Província da Hispânia e sua subdivisão em dois territórios: Citerior e Ulterior (sendo este último o que viria a abranger o actual território português), governados por dois pretores
 - 171 Fundação de Carteia
- 149-146 Terceira guerra púnica
- 147-140 Guerra de Viriato na Hispânia
 - 146 Criação das Províncias da Macedónia (Bordet aponta 148) e de África (após a destruição de Cartago)
- 133-121 Reformas populares dos Gracos
- 120/119 Instituição da Província de Gália/Narbonense
 - 116 Nascimento de Varrão
 - 113 Instituição da Província da Ásia
 - 107 Primeiro consulado de Mário (chefe do partido dos populares)
 - 106 Nascimento de Cícero
 - 100 Nascimento de Júlio César
 - 98 Nascimento de Lucrécio
 - 88 Primeiro consulado de Sila (chefe do partido dos aristocratas)
 - 87 Os populares dominam Roma e massacram os adversários
- 83-82 Guerra civil após o regresso de Sila a Roma
 - 80 Revolta de Sertório na Hispânia
- 77-67 Criação das Províncias de Creta e Cirenaica
 - 74 Cerco de Lacóbriga (que se encontrava sob o domínio de Sertório) por Quinto Metelo, legado de Sila
- 74-62 Instituição das Províncias da Bitúnia e da Ponte na sequência das campanhas de Pompeu no Oriente
 - 70 Nascimento de Virgílio
 - 67 Combate de Pompeu à pirataria mediterrânica
 - 65 Nascimento de Horácio
 - 63 Consulado de Cícero e conjuração de Catilina
 - 62 Instituição da Província da Síria
 - 60 Primeiro triunvirato (Júlio César, Crasso e Pompeu); *Catilinárias* de Cícero
 - 59 Consulado de César; nascimento de Tito Lívio

Glossário



Ager publicus: território público (estadual)

Anona: tributo em géneros destinado a abastecer Roma

Auspicium: adivinhação da vontade divina

Basílica: edifício onde funcionavam os tribunais e que podia igualmente servir ao exercício de outras actividades, inclusive comerciais

Caldarium: banhos quentes

Censor: magistrado responsável pela vigilância dos costumes e pela realização dos cadastros fiscais

Cetária: tanque destinado ao fabrico das conservas de peixe

Cives romani: cidadania romana

Civitas: a cidade com o seu termo

Colónia: cidade construída quase sempre *ex nihilo* para albergar legionários veteranos (foi o caso de Emérita Augusta (Mérida), capital da Lusitânia)

Conductore: administrador das propriedades imperiais

Cônsul: mais alto magistrado político (durante o período republicano o poder era exercido colegialmente por dois cônsules eleitos pelo senado com mandatos anuais, como era de norma para todos os magistrados, com excepção dos censores, cujo mandato era quinquenal)

Conventus: circunscrição jurisdicional

Decurião: membro da assembleia dos notáveis das cidades de província (assembleia da *ordo decurionum*, que se opunha à assembleia do *populus*)

Duúnviro: magistrado judicial membro do governo das cidades de província (o seu mandato exercia-se sempre em conjunto com outro duúnviro e o executivo compunha-se igualmente de dois edis e de dois questores)

Edil: magistrado responsável pelo abastecimento e policiamento das cidades, bem como pela guarda dos templos

Flâmine: sacerdote (o personagem de maior prestígio das sociedades locais)

Forum: espaço onde se desenrolava a actividade pública das cidades (política, jurisdicional e religiosa)

Frigidarium: banhos frios

Garum: conserva constituída por um preparado de vísceras de peixes gordurosos imersas em salmoura e temperadas com ervas aromáticas e vinho, de alto valor económico e muito apreciada em Roma

Genius: espírito

Gens: linhagens

Hortus: jardim

Imperium: comando

Liberti: os escravos libertos

Mauri: os habitantes da Mauritânia (Norte de África Ocidental)

Murex: molusco utilizado no fabrico da púrpura

Natatio: piscina

Oppidum: perímetro urbano das cidades

Ordem equestre: o segundo escalão da nobreza (originariamente constituída pelos cavaleiros, tendo-se tornado progressivamente, sobretudo após o império, numa nobreza de função)

Ordem senatorial: o mais elevado escalão da nobreza (reservado, segundo a tradição, aos descendentes dos *patres* das cem tribos que fundaram Roma)

Patres: chefes

Peregrine: os residentes destituídos de cidadania romana (os estrangeiros)

Peristilo (*peristylum*): pátio central rodeado por uma galeria porticada para onde convergiam todas as outras dependências da casa

Pontifex maximus: o sumo sacerdote

Pretor (*praetor*): magistrado judicial (*Praetor peregrinus*: pretor encarregado de julgar os litígios entre os detentores da *cives romani* (cidadania) e os *peregrine* (estrangeiros))

Procônsul: cônsul que exercia as funções de governador de província

Procurador (*procuratore*): magistrado ou funcionário de nível equestre

Publicano: detentor das empresas privadas que procediam à cobrança fiscal, antes de passar a ser realizada pelos questores e procuradores financeiros

Questor: magistrado encarregado dos assuntos financeiros e fiscais em Roma e nas províncias senatoriais

Senatus (senado): assembleia dos antigos (*Senatum consultum*: decisões do senado tomadas por maioria de votos)

Tepidarium: banhos mornos

Thermae: banhos ou complexos balneários

Tributum capitis: imposto sobre o rendimento pessoal

Tributum soli: imposto sobre o rendimento predial

Triclínio (*triclinium*): sala de jantar e de estar

Vicus: pequeno aglomerado populacional (aldeia)

Villa: classicamente, solar rural (porém, também podia ter funções administrativas e marítimas)

Villa/domus: casa senhorial da *villa*

Villa/pars urbana: a *domus* ou casa senhorial, com as suas áreas lúdicas, onde se destacavam os banhos (as *thermae*) e os jardins (os *hortus*)

Villa/pars fructuaria: as dependências agrícolas, com os seus celeiros e lagares, de azeite e de vinho

Villa/pars rustica: as dependências do pessoal servil



Álbum fotográfico



Vilamoura (vista da Praia da Falésia)



Vilamoura (vista da marina)



Cerro da Vila (vista geral)



Cerro da Vila (pormenor de mosaico do átrio do peristilo/
/primeira metade do século IV d.C.)

Bibliografia



- Aguilar, Pilar Corrales, *Algunas Observaciones sobre la Provincia de Málaga en los siglos III y IV*, Baetica, Estudios de Arte, Geografía e Historia, 1999, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Málaga (disponível na internet).
- Alarcão, Jorge de, *Conímbriga/O chão escutado*, Edicarte, 1999.
- Alvarez, José Ángel Expósito, *Las factorías de Salazón de Gades*, Universidad de Cadiz, 2004 (disponível na internet).
- Amaro, Clementino, *Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros*, Fundação Banco Comercial Português, Lisboa, 1995.
- Antón, José Luis de la Barrera, *Mérida augustea, Augusto y Emerita*, Museo Nacional de Arte Romano, 2014.
- Arruda, Ana Margarida, *O Algarve no Quadro Geocultural do Mediterrâneo Antigo*, Colectânea *O Algarve da antiguidade aos nossos dias – coordenação de Maria da Graça Maia Marques*, Edições Colibri, 1999.
- *O Algarve nos Séculos V e IV a.C.*, Colectânea *O Algarve da antiguidade aos nossos dias – coordenação de Maria da Graça Maia Marques*, Edições Colibri, 1999.
- Arruda, Ana Margarida e Sousa, Elisa, *Ânforas Republicanas do Monte Molião (Lagos, Algarve, Portugal)*, Centro de Arqueologia de Lisboa, 2012 (disponível na internet).
- Barceló, Pedro e Ferrer, Juan José, *Historia de la Hispania romana*, Alianza Editorial, 2011.
- Barrios, Lázaro Lagóstena, *Sobre la Elaboración del Garum y otros Productos Piscícolas en las Costas Béticas*, Universidad de Cádiz, Mainake XXIX, 2007 (disponível na internet).
- Beard, Mary, *Pompéi (la vie d'une cité romaine)*, éditions du Seuil, Points Histoire, 2012.
- *SPQR*, Profile Books, 2016.
- Bernardes, João Pedro, *As Necrópoles de Ossónoba, Caminhos do Algarve Romano*, Museu Municipal de Faro, 2005.

- *A Relação Campo/Cidade: os casos de Milreu e Ossónoba, Caminhos do Algarve Romano*, Museu Municipal de Faro, 2005.
- *Intervenção Arqueológica de Emergência no Sítio Romano de Loulé-Velho (Quarteira)*, Revista Al-Ulya, n.º 12, 2008.
- *A Investigação Arqueológica do Período Romano no Algarve: balanço e perspectivas de evolução*, Revista Xelb, n.º 10, 2009 (disponível na internet).
- *A cidade de Ossónoba e o seu território*, Anais do Município de Faro, XXXVII, 2012 (disponível na internet).
- Bordet, Marcel, *Précis d'Histoire romaine*, Armand Colin, 2013.
- Cadario, Matteo, *Les formes de célébration du prince*, catálogo da exposição *Auguste*, Réunions des musées nationaux – Grand Palais, 2014.
- Cadete, Maria José, *Os Complexos Termiais no Contexto da Estação Arqueológica do Cerro da Vila*, Revista Al-Ulya, n.º 10, 2004.
- *O Subsistema de Abastecimento de Água de Vale Tesnado no Contexto da Estação Arqueológica de Cerro da Vila*, Revista Al-Ulya, n.º 11, 2006.
- *A Estação Arqueológica da Retorta e sua Envolvente*, Revista Al-Ulya, n.º 12, 2008.
- Carvalho, Mário de, *Um Deus passeando pela Brisa da Tarde*, Caminho, 2003.
- Catarino, Helena, *Formas de Ocupação Rural em Alcoutim (séculos V-X)*, CUPAUM 31-32, 2005-2006, Universidade de Coimbra (disponível na internet).
- Chamizo, José Carlos Saquete, *Augusto y su ideario político, Augusto y Emerita*, Museo Nacional de Arte Romano, 2014.
- Chausson, François, *La famille d'Auguste: un aperçu*, catálogo da exposição *Auguste*, Réunions des musées nationaux – Grand Palais, 2014.
- Derry, T. K., *A History of Scandinavia*, University of Minnesota Press, 1994.
- Diogo, A. M. Dias, *Escavação de uma Unidade de Conserva de Pescado na Estação Romana do Cerro da Vila, Loulé*, Revista Al-Ulya, n.º 10, 2004.
- Encarnação, José d', *Gentes do Mar e da Terra, Caminhos do Algarve Romano*, Museu Municipal de Faro, 2005.
- Epígrafes Romanas de Loulé – histórias antigas por desvendar*, Revista Al-Ulya, n.º 12, 2008.
- Eyres, Harry, *Horace and Me/Life Lessons from an Ancient Poet*, Bloomsbury, 2013.
- Fabião, Carlos, *A Romanização do Actual Território Português*, História de Portugal, direcção de José Mattoso, volume 1, Editorial Estampa, 1993.

Índice

Prefácio à segunda edição.....	11
Explicação prévia.....	13
Introdução.....	17
I.....	25
II.....	30
III.....	37
IV.....	42
V.....	50
VI.....	66
VII.....	76
VIII.....	82
IX.....	96
X.....	108
XI.....	113
XII.....	118
Posfácio.....	129
Fichas Explicativas.....	135
Tábua cronológica.....	149
Glossário.....	159
Álbum fotográfico.....	163
Bibliografia.....	181

